Sobre alguns textos que Camões consultou para escrever *Os Lusíadas**

Este breve estudo circunscreve-se a retomar um tema que já interessou muitos historiadores e a que também nunca fui insensível. Que leituras de Luís de Camões estão directamente relacionadas com *Os Lusíadas*? Que textos aproveitou o Poeta para alguns dos episódios que no Poema nos oferece?

É evidente que o imenso pecúlio cultural de Camões dificilmente permitirá que alguém se atreva um dia a indicar, mesmo com probabilidade mínima, *todos* os livros que teria lido. A questão, posta assim em termos gerais, deixa, a meu ver, de ter qualquer sentido. Já o terá, no entanto, quando de *Os Lusíadas* retiramos um ou outro passo muito concreto e lhe procuramos a origem; nesse caso é muito frequente encontrarmos na literatura existente da sua época a fonte ou as fontes em que o Poeta encontrou a informação de que carecia.

De há quase um século a esta parte, o tema das «fontes» da poesia camoniana, e em particular da poesia épica, tem apaixonado os estudiosos. José Maria Rodrigues foi, segundo penso, o primeiro¹, mas sem de modo algum esgotar a questão, apesar das centenas de páginas que lhe dedicou. Depois de editado o seu extenso trabalho, muitos outros camonistas, ou simples interessados pelos temas da cultura portuguesa do século XVI, vieram a dedicar-se ao mesmo assunto e a publicar contributos valiosos para o seu esclarecimento. Citarei o caso de Luciano Pereira da Silva, que, ao publicar *A Astronomia de «Os Lusíadas»*, em 1913²,

* Inicialmente publicado em francês, nos *Arquivos do Centro Cultural Português*, da Fundação Calouste Gulbenkian, vol. XVI, Paris, 1981.

¹ *As Fontes de «Os Lusíadas»*, Coimbra, 1905.

² Reeditado nas *Obras Completas* e, mais recentemente, em volume isolado da Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1972.

não só provou que Camões era um bom conhecedor de astronomia, como, em particular, mostrou que, na descrição do «sistema do mundo», apresentada pela deusa Tétis³, ele seguiu o sistema de Ptolomeu através de qualquer obra que o apresentava de forma actualizada; muito provavelmente, essa obra teria sido as *Theoricae Novae Planetarum*, de Jorge Purbáquio, que veio a lume na segunda metade do século XV (1460) e teve larga divulgação em Portugal no século imediato, como está bem comprovado pela tradução e pelo comentário que Pedro Nunes dedicou em 1537 às «teorias» do Sol e da Lua, segundo a exposição daquele autor germânico. Referirei um segundo exemplo: Avelino Teixeira da Mota, mais recentemente, provou, através de uma minuciosa comparação de textos, que a África ocidental era compreendida e descrita no Poema de acordo com a concepção geográfica do historiador João de Barros⁴. E eu mesmo estudei em 1972 as estâncias em que Camões descreve a viagem de Vasco da Gama entre Moçambique e Melinde, podendo concluir, e de modo que até hoje não foi refutado, que o Poeta se guiou pelo impropriamente chamado *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* (trata-se, na realidade, de um diário) ou pela *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda⁵; aliás, os correspondentes trechos do cronista são, neste particular, de tal modo próximos ou subsidiários do que escreveu Álvaro Velho, suposto autor do *Roteiro*, que alguns erros do único apógrafo que desta última obra possuímos podem ser corrigidos pela *História*; só no final voltaremos a insistir sobre este ponto, que já foi abordado, embora pela rama, no trabalho acabado de citar.

O que de momento me interessa é mostrar que Luís de Camões, sempre que no Poema tinha de tratar casos experimentais ou objectivamente incontroversos, jamais desprezava a leitura do texto ou dos textos que os referiam ou descreviam, e isso até quando lhe fora dado observá-los pessoalmente.

Embora os propósitos desta comunicação sejam um tanto diferentes, não posso deixar de me deter um pouco sobre um fenómeno natural que Camões observou e descreve, mas que, já antes do Poeta (em 1538), o navegador D. João de Castro observara e descrevera também. Não é lícito afirmar categoricamente que o Poeta tenha lido o trecho em que o futuro governador e vice-rei da Índia nos pinta, no *Roteiro de Lisboa a Goa* (obra que

³ X, 80-91.

⁴ «A África ocidental em *Os Lusíadas*», in *Garcia de Orta*, número comemorativo do 4.º centenário da publicação de *Os Lusíadas*, 1972, pp. 381-392.

⁵ «A viagem de Vasco da Gama segundo 'Os Lusíadas' e segundo as crónicas», in *Garcia de Orta*, id., pp. 11-35.

ficou inédita até ao século XIX, mas de que estou certo terem corrido cópias manuscritas em vida do Épico), o fenómeno físico depois designado por «tromba de águas». Luís de Camões afirma tê-lo presenciado, pois diz:

Eu o vi claramente (e não presumo
Que a vista me enganava)⁶;

mas isso não quer dizer que ignorasse a descrição de Castro e que com ela não comparasse a sua própria experiência, antes de poeticamente nos descrever o fenómeno.

Com extremo rigor científico (mostrou-o Andrade Corvo⁷ comparando o texto de Castro com a descrição que da tromba-d'água fez, no século passado, W. D. Cooley em *Physical Geography*), o *Roteiro* dá o fenómeno pelas palavras seguintes⁸:

«[...] ás 10 horas de pella manhã vimos da banda do noroeste humas nuvens bastas e dobradas, e do meo delas decia ao mar huma amostra como tromba dalifante, a que os marinheiros chamam manga, e por derredor desta tromba ou manga não auia cousa alguma que nos impedisse á vista, assim como nuueiro ou sarração. A parte desta tromba que apegava nas nuvens, afastava por huma parte, e outra fazia huma testa, e dahi para baixo ate o mar era muito roliça e redonda; a ponta que pegava no mar erguia hum grande feruor por derredor, e segundo notauamos os que isto viamos, parecia chupar a agoa, e levala por dentro da tromba acima; duraria isto espaço de hum quarto de ora, e estariamos arredados dela pouco mais de mea legoa; e como se desfez, deunos uma chuva grossa com trouões. O princípio como se ordenou esta manga, foy parecer no mar huma grande fumaça e feruencia dagoa do tamanho de huma nao, e em espaço de dois credos foy crecendo pera o ceo, ate pegar nas nuuens, deixando figurada esta tromba por onde subia a agoa a elas.»

Luís de Camões fala do fenómeno em quatro estâncias do canto v⁹. O Poeta observara:

[...]

No ar hum vaporzinho e sutil fumo

E do vento trazido, rodearse:

De aqui leuado hum cano ao Polo sumo

Se via, tão delgado que enxergarse

Dos olhos facilmente não podia,

Da materia das nuues parecia.

⁶ V, 19.

⁷ *Roteiro de Lisboa a Goa*, pp. 284-285, Lisboa, 1882.

⁸ D. João de Castro, *Obras Completas*, vol 1, pp. 228-229, Coimbra, 1968.

⁹ V, 19-22.

Hiase pouco a pouco acrescentando
E mais que hum largo masto se engrossaua,
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupaua;
Estauase co as ondas ondeando,
Encima delle hua nuuem se espessara,

Fazendose mayor mais carregada
Co cargo grande dagoa em si tornada.

[...]

Chupando mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente,
Tal a grande coluna, enchendo aumenta
A si, e a nuuem negra que sustinha

Mas depois que de todo se fartou
O pe que tem no mar a si recolhe,
E pello ceo chouendo em fim voou
Porque coa agoa a jacente agoa molle:
Aas ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe,
[...]

É claro que as duas descrições se não sobrepõem palavra por palavra, a não ser quanto ao passo em que tanto Castro como Camões empregam a expressão «chupar» ou «chupada» para indicar que a água do mar era sugada até à nuvem. Independentemente disso, porém, há vários pontos de semelhança que, de facto, aproximam os dois textos.

Não insistirei nesta comparação, pois reconheço ser pouco significativa. Aliás, quaisquer dois homens que quisessem descrever um mesmo fenómeno de geografia física teriam necessariamente, se procedessem com correcção, de se aproximar, mesmo quando um fosse um poeta e o outro um observador atento do real, como eram Camões e Castro, respectivamente. Mas não me parece demasiado sublinhar que Camões procedeu com toda a preocupação de ser exacto e que, de facto, conseguiu dar-nos uma imagem correcta da tromba de água.

Retornemos agora ao tema que abordei em 1972, comparando uma outra parte do Poema com o que dizem o *Roteiro* e os cronistas (particularmente Castanheda); será então fácil mostrar com exemplos que, quando nos contam a última parte da viagem do Gama até ao desembarque em Calecut e depois a estada do capitão-mor no reino do Samorim, se os *Os Lusíadas* corrigem alguns erros cometidos no *Roteiro* (em especial relativos às características de algumas populações com que os navegadores contac-

taram), noutros lugares, o Poema segue muito de perto as narrativas em prosa; não existe, porém, a mesma quase que submissão ao texto destas narrativas que se verificara no texto anteriormente estudado, como vamos ver.

A aterragem da armada do Gama à península indostânica está descrita de modo análogo no *Roteiro* e na *História*: em ambos os textos, a terra é vista pela primeira vez a 17 de Maio (de 1498); o piloto guzarate que o capitão-mor trouxera de Melinde lançaria o prumo a 45 braças; no dia imediato aproximaram-se de terra a fim de a reconhecerem; mas não lograram fazê-lo «pelos muitos chuveis e trovoadas», escreveu Álvaro Velho, «que faziam em esta terra e costa em que navegavamos»¹⁰.

De todas as particularidades, Camões apenas aproveitaria a última, ou seja, a referência ao tempo de chuveis e trovoadas, mas, dramatizando a situação, avoluma o tempo invernos para uma tempestade rasgada, aliás não muito localizada no trajecto de Melinde para Calecut¹¹.

Mas o Poeta já segue o marinheiro e o cronista quando alude aos primeiros contactos dos homens da armada com a gente de Samorim. De facto, Álvaro Velho diz que, «depois que aqui [isto é, em frente da cidade de Calecut] estivemos pousados, vieram de terra a nós quatro barcos, os quais vinham saber que gente eramos, e mostraram Calecute»¹²; Castanheda repete esta informação quanto ao fundamental, pois escreveu: «E surta a frota acodio logo gente de terra em quatro almadias a saber ã naos erão aquelas.»¹³

Creio que Camões, sem perder de vista o *Roteiro*, pois não esquece o pormenor de os visitantes terem mostrado aos Portugueses a cidade, também se não esqueceu que Castanheda identificara os marinheiros das almadias com pescadores: «E ho piloto Guzarate disse a Vasco da Gama que aquela gente erão pescadores.»¹⁴ Na verdade, em *Os Lusíadas* lê-se:

Tanto que aa noua terra se chegarão
Leues embarcações de pescadores
Acharão, que o caminho lhes mostrarão
De Calecu donde eram moradores
[...]¹⁵

¹⁰ *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, ed. de Fontoura da Costa, p. 39, Lisboa, 1980. Pormenores análogos em Fernão Lopes de Castanheda, ed. de Manuel Lopes de Almeida, vol. 1, p. 35, Porto, 1979.

¹¹ V, 70-75.

¹² *Roteiro*, ed. cit., p. 39.

¹³ Ed. cit., pp. 19-22.

¹⁴ Id., p. 36.

¹⁵ VII, 16.

Aliás, o reconhecimento da terra por parte do piloto já antes fora anotado em *Os Lusíadas*¹⁶:

Disse alegre o piloto Melindano
Terra é de Calecu, se não me engano.

o que corresponde muito aproximadamente aos dizeres do *Roteiro*: «E ao domingo [20 de Maio] fomos juntos com umas montanhas, as quais estão sobre a cidade de Calecute; e chegámo-nos tanto a elas até que o piloto que levávamos as conheceu.»¹⁷

Afirma o Poeta que, chegada a frota à cidade,

Hum Portuguez mandado logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tam remota parte¹⁸;

Camões só omite que, para uma missão arriscada como aquela era, Gama escolheu um degredado; quanto ao resto, o pormenor está absolutamente de acordo com o que dizem Castanheda¹⁹ e Álvaro Velho²⁰; este, por exemplo, escreveu: «E ao outro dia [21 de Maio] [...] o capitão mandou um dos degredados a Calecute.»

E, se Camões não repete o erro de Álvaro Velho ao mostrar-se crente de que a terra era habitada por cristãos²¹ (erro que ainda aflora, embora enfraquecido, na *História* de Castanheda)²², seguirá aquela fonte ao referir o surpreendente encontro do enviado de Gama com um mouro, de nome Moçaide, que falava castelhano, ao modo hospitaleiro como esse estranho personagem recebeu em sua casa o português, como ao falar das expressões de alegria do mouro ao entrar no navio do Gama, bem como a recepção que o capitão-mor²³ — trechos que, de resto, passaram quase textualmente à obra de Castanheda²⁴. O Poeta, se bem que não acompanhe textualmente qualquer daqueles dois autores, não deixa de atender a todos esses acontecimentos, que considerou dignos de registo²⁵:

¹⁶ VI, 92.

¹⁷ Ed. cit., p. 39.

¹⁸ VII, 27.

¹⁹ Ed. cit., p. 41.

²⁰ Id., p. 40.

²¹ Id., p. 41.

²² «[Gama] não devia ir a terra porque posto que fosse de Christãos auia nela muytos mouros [...]», ed. cit., p. 43.

²³ Ed. cit., p. 40.

²⁴ Id., pp. 43-44.

²⁵ VII, 24-25.

Entre a gente que vello [ao degredado] concorria
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região de Berberia
[...]
Ou pela vizinhança já teria
O Reino Lusitano conhecido
[...]

Em vendo o mensageiro com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana
Lhe disse, quem trouxe a este mundo,
Tam longe da tua patria Lusitana?

Diz Álvaro Velho que, depois do alegre diálogo (na sua versão, pleno de colorido), «então o agasalharam [ao degredado] e deram-lhe de comer pão [de] trigo com mel»²⁶; e Castanheda confirma a informação: «E agasalhou ho, & mandoulhe dar de comer hus bolos de farinha de trigo [...] & coeles mel.»²⁷ O Poeta também aqui não segue literalmente as suas prováveis fontes, mas não se afasta muito delas²⁸:

E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E depois que se hum pouco recreasse,
Coelle para a armada tornaria

A chegada de Moçaide a bordo, anunciando com exuberância a existência de muitas esmeraldas, muitos rubis e muitas riquezas (segundo Álvaro Velho e Castanheda), é de igual modo registada por Camões, mas mais comedidamente; de facto, no Poema não tem a mesma ressonância o rumor das riquezas que esperavam os navegadores, muito embora se faça dizer a Moçaide²⁹:

Sabey que estais na India, onde se estende
Diuerso pouo, rico & prosperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suaue, ardente especiaria.

²⁶ Ed. cit., p. 40.

²⁷ Id., p. 42.

²⁸ VII, 27.

²⁹ VII, 31.

Na visita de Moçaide à nau capitaina há um importante pormenor apontado por Luís de Camões³⁰:

O Capitão o abraça [a Moçaide] em cabo lèdo
Ouuindo clara a lingua de Castela
Iunto de si a assenta, & prompto, & quedo
Pela terra pergunta, & cousas dela.

Estes versos mostram que Camões quase com certeza consultou Castanheda; efectivamente, os dois pormenores de Vasco da Gama ter abraçado Moçaide e depois o ter feito sentar a seu lado faltam na narrativa de Álvaro Velho, mas lêem-se na *História*: «& Vasco da Gama ho abraçou e ho fez assentar a par de si, perguntandolhe se hera Christão.»³¹

Terá algum interesse acrescentar ainda que Luís de Camões descreve a província em que Calecut estava inserida, tal como o faz Castanheda, anotando algumas pequenas observações que o cronista já registara. Por exemplo: ao falar dos habitantes principais da terra, o Poeta diz³²:

A ley da gente toda rica & pobre
De fabulas compostas se imagina
Andão nus, & somente hum pano cobre
As partes, que a cubrir natura insina:

Eis como, a tal respeito, se exprimiu Castanheda: «[...] porem andão nus sómente com hus panos dalgodão pintados q os cobrem da cinta ate o geolho; e descalços com toucas na cabeça.»³³ O Poeta passou em claro a particularidade de andarem descalços, mas não se esqueceu de referir, na mesma estância, que a gente

[...] nobre
Naires chamados são [...]

tal como fez Castanheda: «A gete de peleja q tem el rey de Calicut [...] sam Naires, ã sam todos fidalgos.»³⁴ Todavia, e como já disse, Camões não podia cair no logro de supor que na cidade vivessem cristãos, tal como fizera Álvaro Velho, que no *Roteiro* adivinha companheiros de crença em quase todos, se não em todos os

³⁰ VII, 29.

³¹ Ed. cit., p. 42.

³² VII, 37.

³³ Ed. cit., p. 39.

³⁴ Ed. cit., p. 39.

lugares que escalaram ou avistaram depois de Moçambique; com outro conhecimento das realidades, o Poeta escreveu³⁵ :

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Ydolos adora,
Que ca por estas partes se derrama.

A verdade a este respeito estava apurada de há muito, e Castanheda já na sua obra descrevera algumas práticas hindus, em poucas palavras, mas com correcção³⁶. Todavia, é de anotar que, a respeito dos costumes dos povos indostânicos, há por vezes falta de concordância entre o que escreveram Camões e Castanheda. Podemos referir como exemplo porventura mais evidente a referência à liberdade sexual das mulheres, facto absolutamente novo e surpreendente para os portugueses recém-chegados. Álvaro Velho não fala do assunto, decerto por não ter dele conhecimento, pois, loquaz como era a respeito das coisas que observava, não teria deixado de fazer uma referência a tal procedimento, para ele decerto insólito, se o tivesse conhecido. Luís de Camões diz, e suponho que correctamente³⁷ :

Gerais sam as molheres: mas somente
Pera os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos.

Castanheda dá uma versão algo diferente (por mais completa) dos costumes sexuais da região que Vasco da Gama visitou³⁸.

As consequências da decisão temerária que o capitão da armada tomou de desembarcar em Calecut são dadas no Poema e nos dois textos que venho seguindo de modo bastante próximo. De notar, todavia, que Álvaro Velho designa por bale (provável derivação do árabe *wali* = «Governador») o dignitário do reino de Calecut que recebeu o capitão-mor português, enquanto Camões, seguindo a opção de Castanheda, lhe dá o nome de catual (*kotwal*, ou seja, «governador de fortaleza»). Mas eis como Gama é recebido em terra, segundo *Os Lusíadas*³⁹ :

³⁵ VII, 32.

³⁶ Ed. cit., pp. 38-39.

³⁷ VII, 41.

³⁸ Ed. cit., pp. 38-41.

³⁹ VII, 44.

Na praia hum regedor do Reino estaua,
Que na sua lingua Catual se chama,
[...]
Ia na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hua rica cama
Lhe oferece em que va, costume usado,
Que nos hombros dos homens he leuado.

Por sua parte, Álvaro Velho pinta-nos a cena deste modo⁴⁰: «[...] os quais [ou seja, o bale e outros homens principais] receberam o capitão com muito prazer e agasalho, como homens que folgavam de nos ver [...] Ali trouxeram ao capitão-mor umas andas de homens, em que os honrados costumam em aquela terra de andar [...]» Pode-se pensar que o Poeta terá exagerado ao dizer que o Gama foi levado nos braços pelo catual, mas tem de se reconhecer que, quanto à descrição do palanquim, há mais minúcia nos versos do que na prosa; em relação ao primeiro ponto, Álvaro Velho estaria, de facto, mais perto da verdade, como se infere lendo o passo correspondente de Castanheda⁴¹: «Desembarcado Vasco da Gama, foy recebido do Catual com muyto prazer, & assi dos que ho acompanhauão, [...]; & depois de recebido foy tomado em hu andor para ir nele, porque naqla terra não se costuma andar a caualo, & andão nestes andores que sam como leitos dandas se não q sam descubertos [...]»

Quando o cortejo passa às almadias e começa a navegar rio acima, em *Os Lusíadas* lê-se que o povo concorria à margem, confuso, a ver passar a «gente estranha»⁴², bem de acordo com a anotação de Álvaro Velho⁴³: «Da [gente] que ia por terra não digo nada, que era infindissima, a qual vinha toda a nos ver»; e também com Castanheda, que escreveu⁴⁴: «E a gente que acodia às prayas do rio a ver os nossos era sem conto, porque aq̃la terra he muyto pouoada.»

A visita ao templo hindu a que o catual levou Vasco da Gama é descrita de modo relativamente extenso nos dois textos em prosa — mas em consonância com a mais concisa descrição de Camões. Em Castanheda lê-se que⁴⁵ o catual levou o capitão-mor «a hu pagode dos idolos, dizendolhe que era hua igreja de muyta deuocão; & assi o cuydou ele mais porque lhe vio sobre a porta principal sete sinos pequenos, & diante dela hu padrão darame

⁴⁰ Ed. cit., p. 42.

⁴¹ Id., p. 45.

⁴² VII, 45.

⁴³ Ed. cit., p. 43.

⁴⁴ Id., p. 44.

⁴⁵ Id., mesma página.

daltura do mastro & no capitel hua grande aue do mesmo arame ã parecia galo; [...] & depois lhe derão sandalo moido para porem nas testas, como ca se põe a cinza, & assi para porem nos buchos dos braços [...] E indo por esta igreja virão muytas images pintadas pelas paredes, & delas tinhão tamanhos dentes que lhe sayão fora da boca hua polegada, & outras tinhão quatro braços & erão feas de rosto que pareciam diabos». O *Roteiro* teria sido, apesar das suas omissões e indecisões (como a que se verifica acerca do número de braços de várias imagens), a origem da informação de Castanheda; com efeito, Álvaro Velho escreveu⁴⁶: «Aqui nos levaram a uma grande igreja, em a qual estavam estas coisas seguintes: [...] o corpo da igreja é da grandura de um mosteiro [...] E tinha a porta principal um padrão de arame, da altura de um mastro, e em cima deste padrão está uma ave, que parece um galo. [...] E diante da porta principal da igreja, ao longo da parede, estavam sete sinos pequenos [...] dão um barro branco que os cristãos desta terra [continuava o equívoco do narrador] costumavam de pôr em as testas, e nos peitos, e derredor do pescoço e em os buchos dos braços [...] E outros muitos santos estavam pintados nas paredes da igreja, os quais tinham diademas; e a sua pintura era em diversa maneira, porque os dentes eram tão grandes que saíam da boca uma polegada, e cada santo tinha quatro ou cinco braços.»

Como se verifica, há pequenas divergências entre os dois autores, consequência, pelo menos em parte, de Castanheda ter aprofundado o registo impressivo de Álvaro Velho; é assim que, por exemplo, o «barro» do *Roteiro* aparece na *História* correctamente transformado em «sândalo moído».

Camões não deixou de aproveitar esta visita ao templo, mas desta vez não respeitou tanto as descrições do navegador e do cronista como noutros lugares fizera; eis o que o Poeta escreveu⁴⁷:

Assi pela cidade caminhando,
Onde hua rica fabrica se erguera
De hum sumptuoso templo ja chegauão.
Pelas portas do qual juntos entrauão

Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em pao, & em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,

⁴⁶ Ed. cit., pp. 43-44.

⁴⁷ VII, 46-48.

A segundo o Demonio lhe fingia.
 Vemse abominaveis esculturas
 Qual a Chimêra em membros se varia.
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados
 Em forma humana estão maravilhados.
 Hum na cabeça cornos esculpidos,
 [...]
 Outro com muitos braços diuididos

Deste trecho em diante, Luís de Camões afasta-se, e de modo bem evidente, dos dois escritores que seguira. Ainda haverá um outro passo do Poema que poderá lembrar a narrativa de Álvaro Velho. Assim sucede, por exemplo, quando, segundo o companheiro de Gama, o capitão-mor recusa a possibilidade, que lhe dava o rei de Calecut, de pernoitar com cristãos ou com mouros, e Vasco da Gama pede casa para si e para os seus, ao que o rei, segundo o *Roteiro*, acedeu⁴⁸: «E o capitão respondeu: ‘que nem com cristãos, nem com mouros’; e que lhe pedia por mercê que lhe mandasse dar uma pousada sobre si em que não estivesse ninguém. E el-rei disse que assim o mandaria.» Mas neste acontecimento, apontado no Poema com menos pormenor⁴⁹,

Agasalhados foram juntamente,
 O Gama, & Portugueses no aposento
 Do nobre Regedor da Indica gente,

só o pedido de «pousada sobre si» poderia ter dado lugar ao advérbio «juntamente» do primeiro verso; mas isso era, sem dúvida, forçar a aproximação dos dois textos para além de limites aceitáveis.

As peripécias que estavam reservadas ao grupo de portugueses que tão seguro de si desembarcou para se encontrar com o rei de Calecut, incluindo a cilada que lhe foi armada, são referidas em algumas estâncias do canto IX do Poema, mas de modo bastante afastado do que escreveram Castanheda ou Velho. Em todo o caso, pode dizer-se que Camões, de um modo geral, continuou a relatar os factos tal como eles se passaram, respeitando até a ordem cronológica; a cadência da exposição apenas perde o ritmo de crónica de alto valor poético com a intromissão de figuras

⁴⁸ Ed. cit., p. 48.

⁴⁹ VII, 47.

mitológicas, chamadas a interferir, como é habitual ao longo do Poema, nas decisões humanas.

Terminarei com observações muito breves.

Em primeiro lugar, e antes de voltar a Camões, quero sublinhar que o chamado *Roteiro* de Álvaro Velho e a *História* de Castanheda têm muitas afinidades; esta circunstância, em minha opinião, ainda não foi devidamente explorada para se proceder a uma revisão do apógrafo que do escrito de Álvaro Velho chegou aos nossos dias. Já em 1972, ao escrever sobre Camões e as suas fontes, um dos meus objectivos era chamar a atenção para esta via, que poderá permitir rever um texto que todos sabemos conter erros, que desse modo talvez possam, pelo menos em parte, ser corrigidos; e até dei um exemplo de que assim era. É claro que se trata de um trabalho a que só pode dedicar-se quem está disposto a sacrifícios, mas que tem necessariamente de ser feito, pois o *Roteiro* é, sem dúvida, um dos principais documentos da chamada «literatura portuguesa de viagens» do século XVI.

E agora Luís de Camões. Todas as vezes que leio o seu poema épico encontro novas provas do extremo rigor com que o Poeta trata os seus temas: a história de Portugal é contada segundo a interpretação «oficialmente» válida no seu tempo; os deuses gregos aparecem com os atributos e têm entre si as relações que a tradição lhes conferia; a geografia e a astronomia de *Os Lusíadas* são também concordantes com as experiências recolhidas durante as viagens de Portugueses e Espanhóis, no primeiro caso, ou com o que se lia no livro adoptado nas universidades (em particular a de Coimbra), no segundo caso; e, por último, como acabei de mostrar com exemplos, que podiam aliás multiplicar-se, o tema fulcral da epopeia — a viagem de Vasco da Gama — é tratado com escrupuloso respeito pelos factos, tal como eles podiam ser conhecidos por Luís de Camões, através de uma tradição oral (que claramente desconhecemos), ou pelas narrativas escritas que até nós chegaram.

Quer isto dizer que *Os Lusíadas* são um poema escrito com um alto respeito pela verdade. Verdade que, de resto, Camões não deixa de enaltecer na epopeia, colocando-a duas vezes a par da justiça; neste passo

[...] que grandíssimo proueito
Fará, se na verdade, & com justiça
O contrato fizer por largos annos
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos ⁵⁰

⁵⁰ VIII, 59.

ou nestoutro

Morrer nos hospitais em pobres leitos
Os que ao Rey, & da ley seruem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, & que a verdade ⁵¹

Esta conclusão nada tem de novo: o Poeta exprime-a claramente no canto V, no passo já citado em que, depois de descrever a tromba-d'água, afirma a exactidão do fenómeno natural observado e compara orgulhosamente a sua experiência enriquecida com a dos antigos filósofos que não tinham conhecido muitas dessas novidades que as navegações puseram ao seu alcance:

Se os antigos Philosophos, que andarão
Tantás terras, por ver segredos dellas,
As marauilhas que eu passei, passarão
A tão diuersos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixarão
Que influição de sinos e de estrelas,
Que estranhezas, que grandes qualidades,
E tudo sem mentir, puras verdades ⁵².

Camões quis, portanto, que na sua epopeia só coubesse a verdade. Até onde me foi possível acompanhá-lo, concluo que nunca se afastou de tal propósito.

⁵¹ X, 23.

⁵² V, 23.